

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

PÁGINAS INÉDITAS DE FÉLIX ALVES PEREIRA.

(sem indicação de autor)

Ano: 1938 | Número: 48

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Páginas inéditas de Félix Alves Pereira. *Revista de Guimarães*, 48 (1-3) Jan.-Set. 1938, p. 137-150.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Páginas inéditas de Félix Alves Pereira

Conforme se anunciou no último fascículo desta Revista, damos comêço à publicação de algumas páginas inéditas extraídas do espólio científico do falecido Investigador Dr. Félix Alves Pereira, que foi Sócio ilustre da Sociedade Martins Sarmento.

Constam estas páginas de preciosos apontamentos, sãbiamente comentados e coligidos pelo erudito Arqueólogo, na Citânia de Briteiros e no Museu da nossa Sociedade. Tem, portanto, a sua publicação tôda a oportunidade e cabimento na *Revista de Guimarães*, onde, aliás, o Autor tencionava dar a conhecer estas Notas.

A Ex.^{ma} Viúva do saúdoso Investigador, respeitando êsse desejo, acedeu prontamente ao pedido que lhe formulámos por intermédio do nosso benemérito Consócio, Sr. P.^e Eugénio Jalhay, para nos facultar os valiosos Manuscritos que hoje vêm a lume.

Não têm, infelizmente, estas Notas de Arqueologia uma redacção definitiva, apresentando faltas de páginas, citações bibliográficas incompletas, etc. Não nos julgamos, porém, com direito de alterar ou acrescentar uma linha a estes apontamentos, se bem que algumas omissões nos fôssem fáceis de remediar. São, portanto, rigorosamente transcritos na íntegra, com as deficiências que contenham. O leitor esclarecido suprirá, na medida do possível, estas faltas, mediante os conhecimentos próprios das matérias versadas.

Os desenhos que se reproduzem e acompanham o texto são todos também do punho habilíssimo de F. A. Pereira.

M. C.

Notas inéditas de Félix Alves Pereira sobre a Citânia de Briteiros e Museu Arqueológico de «Martins Sarmento»

Em 1909, fui incumbido de preparar a reconstrução de um grupo de habitações castrejas do Monte de Santa Luzia, elevado padrao que se ergue sobranceiro a Viana do Castelo e, portanto, na margem direita do rio Lima. Etnologicamente, Santa Luzia é uma citânia que, já então, era conhecida pela literatura arqueológica, e que eu mesmo já tinha visitado em 1894, tendo guardado dessa rápida inspecção alguns apontamentos.

Uma incumbência daquela natureza obrigava-me a uma minuciosa preparação, que eu só poderia conseguir empreendendo uma digressão de estudo através de algumas estações contemporâneas da de Santa Luzia, e visitando museus onde estivessem recolhidos objectos nelas encontrados.

Sem hesitações na escolha, uma estação obrigatória para o meu estudo era a Citânia de Briteiros, e um museu indispensável à minha preparação o da Sociedade Martins Sarmento; acrescia que este esplêndido museu não contém antiguidades exclusivamente de Briteiros e Sabroso, mas outras estações do Norte português contemporâneas daquelas ali estão representadas, o que seria assaz elucidativo e extremamente cómodo para o visitante.

Todavia, além das estações clássicas, a minha excursão de estudo abrangeu a citânia de Sanfins, Santa Luzia e os castros de Azere, Cabreiro e Cendufe; e, quanto a museus, os de Vila Nova de Gaia e do Pôrto. Como o meu objectivo era uma reconstrução exemplificativa de uma estação originariamente pre-romana, tal como pudera ter sido Santa Luzia, mesmo durante a romanização, mas sem ter perdido o seu carácter autoctónico, tive de registar nos meus apontamentos as mais miúdas observações que, sob um aspecto mais largo, seriam desprezadas por inúteis.

Recolhendo ao lar, com abundância de notas amon-

toadas ao sabor dos vestígios encontrados e aproveitáveis, procurei esmiuçá-las desfazendo o montão informe de apontamentos e agrupando-as com preconcebido método capaz de lhes conceder alguma utilidade para o leitor, visto que desmoronara o louvável projecto de reconstituição.

Não me limitarei, porém, na minha exposição, a observar o que só se me deparou dentro da tríplice muralha das citânias; por cima dela lancei vistas para os horizontes distantes e coevos, mais para consignar parentescos e analogias mais ou menos frisantes, do que para proclamar doutrinarismos, de que não ostento bandeira.

Definido assim o meu escopo, os meios escolhidos e os caminhos andados, organizei as minhas colheitas pela forma seguinte:

Cap. I

1. Plantas e dimensões das casas, dependências e recintos

Na minha visita às ruínas de Briteiros anotei algumas observações pessoais, limitadas, porque êste assunto constitue o núcleo da narrativa das explorações de M. Sarmento, publicadas pela *Revista de Guimarães* (vol. . . .), e mais ou menos comentadas nas publicações que se têm ocupado das duas estações de Sabroso e Briteiros. Essas observações serão cotejadas com os factos de análoga natureza relacionados por diferentes autores, para lhes atribuir o lugar que lhes compete na arqueologia.

A 1.^a nota que encontro é de uma casa quadrada de Briteiros, com 3,10 X 3,40; a porta, a uma esquina, com um vão de 0,80 e a espessura da parede aí uns 0,40; contígua a esta, outra rectangular, mas redonda nos ângulos, com 5 X 3,45; a porta desta está ao meio, tendo sido necessário atacar a rocha para dar o rebaixo da entrada no pavimento, ficando um espaço para esta de 0,40 ou 1^m, conforme fôsse ou não ombreira uma pedra da base da parede.

Em algumas casotas o pavimento interno era mais elevado que o da rua; noutras era o mesmo nível;

também algumas conservavam o chão ladrilhado de pedra.

Há exemplos de casotas precedidas de um vestibulo ou átrio; medi uma destas curiosas construções também em Briteiros (fig. 1); a habitação era circular

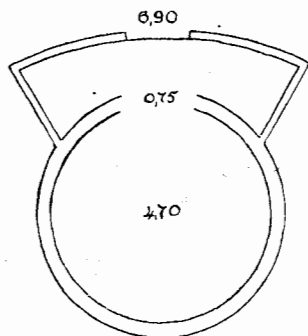


Fig. 1

com 4,70 de diâmetro; o átrio, que ficava defronte da porta, tinha a parede da frente de planta encurvada, mas não rigorosamente paralela à da habitação, senão de mais larga curva; os lados desta dependência eram formados por 2 paredes rectilíneas sensivelmente na direcção radial. A referida parede da frente do vestibulo mostrava ao meio o vão de uma porta própria, e media de exten-

são total 6,90. Internamente, um dos lados media $1,^{m}20$, se não há erro na minha nota. É importante, parece-me, observar que a espessura da parede da casota e a do vestibulo eram diferentes, pois que aquela era de 0,55 e esta 0,35. Julgo que esta diferença deixa presumir que a habitação era mais alta que o átrio e por isso exigia maior espessura de parede. O que não se pode ainda inferir desta circunstância é se o átrio era coberto ou não.

O pavimento desta casota era mais elevado que o chão exterior; o degrau correspondente media 0,30. A largura da entrada da habitação onde se conservava ainda a soleira, era de 0,45, mas não estaria completa.

Como tem sido largamente referido, em Briteiros há também ruínas de casas rectangulares. Medi a planta de uma, também munida de átrio rectangular,

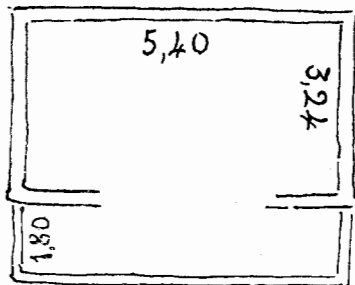


Fig. 2

mas neste não existia vestígio algum de entrada. As dimensões constam da figura 2.

E da porta propriamente da habitação, restava apenas o local e os indícios da sua existência.

Uma casa circular, com a respectiva dependência, tinha uma profunda escavação ao centro.

Junto de uma habitação encostada a uma fraga, corria um rêgo constituído por pedras compridas, ao longo dessa fraga, com o evidente fim de desviar a água que escorresse por esta e impedi-la de penetrar na habitação. O pavimento desta era lajeado.

Chamaram-me a atenção as ruínas de uma edificação mais complicada, e de que também M. Sarmiento

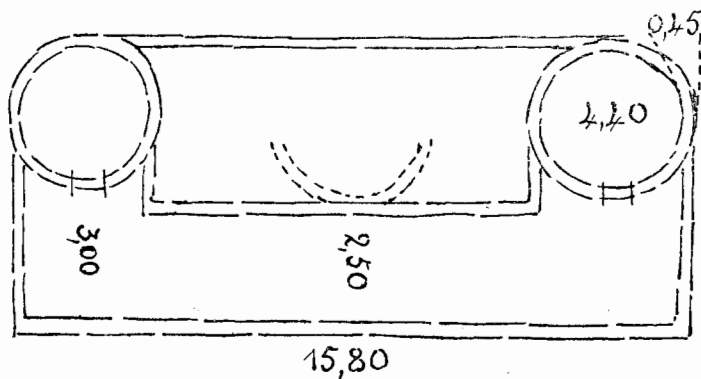


Fig. 3

faz menção na narrativa das suas escavações em 1877 (*Rev. de Guimarães*, XXII, 19). A planta está representada aproximadamente pela fig. 3. São duas casotas circulares sensivelmente iguais, mas distanciadas, com o diâmetro de 4,40 e a espessura mural costumada de 0,45. Nas traseiras uma parede rectilínea as une; pela frente e a distância de 3 metros uma outra parede, paralela à das traseiras, forma um recinto alongado, com o comprimento de 15,80, que fecha lateralmente por meio de duas paredes que formam ângulo recto com a da frente desta construção e vem entestar tangencialmente nas duas casotas de planta circular.

Dentro dêste átrio ou recinto, afastado 2,50 da sua longa parede exterior, havia outra parede de pro-

jecção rectilínea e paralela àquela, que ia também entestar nas duas casas circulares por meio de dois pequenos ângulos rectos paralelos, por sua vez, às paredes laterais exteriores da construção.

Esta última parede formava portanto um segundo recinto incluso com a parede das traseiras, como se vê na planta. Dentro dêste segundo recinto havia vestígios de uma terceira casota circular destruída.

Por trás desta construção é montanha, de modo que a parede da casota da direita conservava ainda a altura de 1,^m80. Conhecem-se os vãos das portas, mas, como as ombreiras foram extraídas, não se podem medir.

Estes alicerces são verdadeiramente interessantes, se nos lembrarmos de que o recinto da frente não constituiria propriamente habitação, mas o que ficava entre as duas casotas circulares era talvez a planta de uma habitação intermédia, e neste caso o aspecto dêste edificio munido de dois pavilhões laterais devia ser extremamente curioso.

E a quantas suposições se presta esta construção, decerto mais importante que tôdas as outras de Britteiros, ou pelo aspecto social, ou quiçá pelo administrativo...

Junto uma vista das ruínas da Citânia (fig. 4) em que no primeiro plano, à direita, se representa o interior e parte da parede pelo lado exterior de uma casa circular, com o vão do local onde existiu a porta que dava para o vestibulo; dêste, já em segundo plano, existe só parte da parede da frente e uma parede lateral, à direita, e outra à esquerda, parecendo porém que a esta se une outra rectilínea, talvez de edificio contíguo.

Na também chamada Citânia de Sanfins não há facto algum exclusivo a notar. Fora da 2.^a muralha, que é a interna, medi uma casota circular com 5,20 de diâmetro e a espessura de 0,50 a 0,60. Em outra medi a espessura de 0,55.

Na estação de Santa Luzia vi, em 1894, alicerces de casas circulares e rectangulares; uma de dimensões mais avantajadas que o vulgar das habitações tinha uma planta menos comum: constituía um rectângulo,

mas um dos topos era um arco de círculo; no tópo oposto, os ângulos apenas eram arredondados.

Nas ruínas de Briteiros também M. Sarmiento encontrou surpreendente a planta de uma casa análoga a esta, mas mais curta; pode comparar-se a um D, sem ápices (*Rev. de Guimarães*, XXI, 50).

Esta forma, menos freqüente nas habitações castrejas, tem um precedente pre-histórico em uma que os

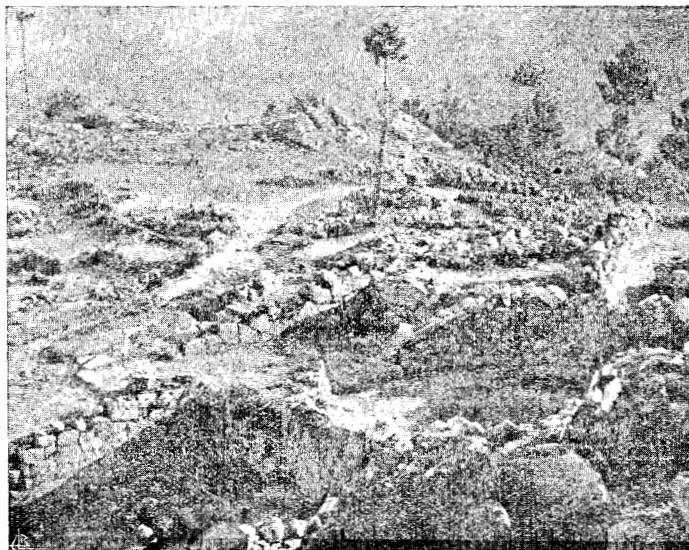


Fig. 4

Sirets exploraram na estação de Ifre, e cuja planta pode quasi sobrepor-se à de Santa Luzia; as suas dimensões eram de 8 metros por 4, aproximadamente.

Em 1909 medi algumas habitações das que se projectavam reconstruir; três circulares tinham os diâmetros de 4,40, 3,84, 4,60, e destas a última era precedida na entrada de um vestibulo orientado ao quadrante de SL; as paredes laterais, quasi tangentes à casota e paralelas entre si, mediam externamente 2,35 de comprimento e 1,70 internamente; a extensão do segmento abrangido por êste vestibulo era de 4,70; a

espessura das paredes das habitações e do vestibulo oscilava entre 0,40 e 0,45.

Uma casa oblonga formada por dois lados maiores alongados, reünidos nos extremos por arcos de círculo, media de comprimento $7,54 \times 3,50$.

Em Briteiros, no dizer de M. Sarmento, o diâmetro das casotas é no geral de 4,77 (*Observações à Citânia*, pág. ...).

Nos flancos do castro de Cendufe (Arcos de Valdevez), ainda há poucos anos existia, ou melhor, resistia uma casa castreja em uso, embora a porta e partes adjacentes tivessem sido modificadas, sinal de que a primitiva disposição não correspondia ao ambiente actual. As paredes desta casota conservavam a altura de 3,80 e o diâmetro era de 3,60.

A circunstância de ser o pavimento das habitações superior em nível ao do terreno circunjacente foi perfeitamente verificada nos trabalhos que realizei no Castelo de S. Miguel-o-Anjo, de Azere. Deve notar-se que a altura interna das habitações ficava assim diminuída e inferior à externa.

Nas *Observações à Citânia*, M. Sarmento referindo-se à altura verdadeira das habitações da Citânia e de Sabroso, problema êste que as escavações não resolviam cabalmente, pois que tôdas estavam em ruína, confessa que, na reconstrução das casas circulares, errou dando-lhes uma altura igual ao diâmetro; eram sem dúvida mais baixas, acrescenta.

A altura das paredes soterradas é menos de 1 metro; quando protegidas por um tabuleiro superior de terra, chegam a ter 2 metros, e mais, nas costas. As frentes estão arrasadas até abaixo da linha onde estariam janelas, se as houvesse, mas destas só há um indício que é uma soleira que não pode ser porta; todos os outros indícios são contra (*Observações à Citânia*, pág. ...).

Realmente é pouco provável a existência de janelas nas casotas circulares; era possível nas rectangulares e alongadas. Diz M. S. na *Revista de Guimarães* (XXI, 101) que uma pedra ornamentada nos topos, encontrada a servir de ladrilho em uma casa quadrada, só podia ter servido de «padieira de postigo». Se M. Sarmento se refere a um postigo sôbre a en-

trada, a atribuição é possível, porque não encontro outra explicação para pedras oculadas que descrevo em outro sítio; mas esta, a que julgo que M. Sarmento se refere, é *cega*, e portanto para postigo só poderia servir de ornamento. Faço esta referência, neste lugar, apenas para recordar que M. Sarmento admitia a existência de postigos, nas habitações da Citânia.

A razão por que penso que em habitações circulares ou de limitadas dimensões, a janela era improvável, é que era desnecessária, visto que a luz provinha da porta, sempre aberta de dia, e a ventilação nocturna far-se-ia por alguma abertura de chaminé ou pelo presumível postigo de pedra sôbre a entrada.

Em resumo, a existência de janelas ou aberturas superiores ao nível da padieira e afastadas da porta não se demonstra. Em todo o caso, na Etrúria, onde achamos tantas analogias com as Citânias, Martha reconhece a presença de janelas, algumas mais largas que altas (*L'Art étrusque*, pág. ...), e este seria o caso possível nas habitações rectangulares dos nossos ópidos.

A redondeza das habitações dos nossos castros tinha longas tradições. Foi essa a forma espontânea das primitivas cabanas. Explica Zannoni (*Gli scavi*...) que a forma circular é mais antiga que a rectangular, porque era a forma da choça cônica feita de varas revestidas de peles ou ligadas com barro batido (veja-se também *Dict. des antiq. grecques et rom.*, por Saglio & Daremberg, s. v. *Domus*). Este autor, porém, reserva para a habitação clássica da Itália a origem que lhe é atribuída da cabana de forma circular e telhado de côlmo. Nos terramares as casas eram redondas.

Já eram circulares e oblongas as ombrias ou pre-etruscas; raras as rectangulares. Os diâmetros variavam de 3 a 5 metros (*La civilisation primit. en Italie*, por O. Montelius, 1.^a parte, p. 408).

Prumos de madeira entrelaçados, e argila a proteger e vedar esta estrutura, formavam uma superfície unida, sendo dispostos em curva sem os inconvenientes dos ângulos. Assim deviam ser as primeiras cabanas castrejas e assim o testemunha Vegécio, citado por M. S. na *Rev. de Guim.* (XIX, 109), e Vitruvius (II, 1), na *Renascença*, p. 118.

Na substituição da palissada pela alvenaria, quando os castrejos aprenderam o emprêgo da pedra, conservou-se a forma curva, como evolução sem solavanco, e porque assim não alteravam a forma dos telhados, feitos com os mesmos materiais. (Veja-se, por ex., *Annales de la Soc. d'Archéol. de Brux.*, 1905, III, p. 31, e I, p. 79). Aí se verifica também, em presença dos restos encontrados, que a cabana redonda é anterior à quadrilátera, tendo até aparecido esta em um nível superior àquela. A sua estrutura era caniçada coberta de barro e em parte subterrânea, talvez para maior confôrto. Algumas destas habitações eram de planta oval. Os germanos levantavam também, no princípio, as suas cabanas sôbre planta circular; depois, tiveram também a casa rectangular.

Não é só a arqueologia por meio das suas explorações que nos assinala a forma e natureza das habitações arcaicas de povos mais ou menos civilizados; há também representações iconográficas dessas mesmas moradas, em relevos insculpidos por exemplo nas colunas de Trajano, Antonino, Marco Aurélio. Um autor, ocupando-se especialmente das cabanas gaúllsas, descreve o baixo-relêvo de uma deusa, no qual se vêem 2 cabanas, uma circular, outra rectangular, com paredes de troncos juxtapostos, tecto cónico, beiral saliente e os barrotes de fixação cruzados sôbre a cobertura (*Habitations gauloises et villes latines*, por A. Grenier).

Não são raros, nas nossas estações pre-históricas, os achados de fragmentos de barro com as impressões do varedo. (Veja-se *Arcaiche Abitazioni de Bologna*, por A. Zannoni, pl. XV, fig. 115, pág. 65). Segundo o testemunho de M. Sarmento, em Sabroso também havia muitas cabanas de troncos e barro (*Portugalia*, I, 109). No castro de Santa Olaia, as choças eram de fachina protegida por barro (*Povoados de Santa Olaia*, S. Rocha). Vitrúvio, referindo-se à Gália, Hispânia e Lusitânia, descreve a sua construção.

Já nessa arcaica civilização ombria havia cabanas com vestibulos (id., p. 415 e pl. 87, fig. 21). A's circulares pre-etruscas sucederam, como nos castros, as de pedra também circulares (id., pl. 88).

Mas, depõe Zannoni (*Gli scavi...*, pág. 42), os

Etruscos não conheciam senão habitações de planta circular. Confirmam-no as urnas-cabanas de Corneto, Bizêncio, Vetulónia, e os restos de caniçada de Felsina. Assim, quando trataram de desbastar a rocha viva para os seus sepulcros, era a forma das suas casas e criptas funerárias. Estas construções são do fim do séc. VII e princípio do VI. As posteriores a esta época são já rectangulares.

As condições locais não me parece que possam explicar a forma redonda das casas, como julgo ser a opinião de P. Paris no *Essai sur l'Art etc.*, pág. 35.

As cabanas dos Celtas eram também circulares, segundo Estrabão (IV, 3). Na colina Antonina vêem-se choças germânicas reproduzidas; são circulares, com cobertura de gramíneas (*Dict. des Ant.*, por Rich, s. v. *Magália*). Na coluna triunfal de M. Aurélio, vêem-se análogas representações. A cabana gaulesa era também redonda ou oval, porque os seus materiais, acrescenta o autor, difficilmente se prestariam a esquinas (*Habitations gauloises et villes latines*, por A. Grenier). O mesmo se conclue dos trabalhos das habitações lacustres da Suíça, e se verificou nas escandinávicas da mesma época (*Les temps préhist. en Suède*, por O. Montelius, pág. 17 e seg.).

A observação das ruínas das casas circulares em Sabroso foi também feita por um sábio francês, em 1880, Cartailhac, que diz que o seu diâmetro variava de 3,50 a 5,27 (*Les âges préhist. de l'Espagne et du Portugal*, por E. Cartailhac). Em Briteiros viu alicerces não só de casas redondas, mas também quadradas e de cantos redondos (id.).

Além das habitações, havia, junto de muitas, recintos, dos quais alguns deveriam ser simples anexos descobertos, mas outros poderiam ser verdadeiros vestíbulos ou alpendres protegidos por uma cobertura análoga à das casas. Vimos já a sua planta em sector ou quadrada.

Sarmento encontrou vários nas suas escavações de Briteiros, e dá, até, plantas. Por exemplo, na *Rev. de Guimarães* (XX, 7), um anexo é representado por uma parede em esquadria que circunda metade de uma casa circular. Na pág. 14 vê-se outra planta, um tanto esquemática.

Albano Belino também encontrou, em Monte Redondo, casas circulares metidas dentro de recintos rectangulares ou quadrados, em que a vedação era constituída por grandes pedras cravadas ao alto. O mesmo sucedia no Monte de Santa Marta.

A Cartailhac não escapou também a referência aos anexos das habitações, mesmo de Sabroso. Consigna êste autor que tudo indicava que as casas tinham muitas vezes na frontaria um alpendre, também redondo, limitado a pouca distância dos dois lados da entrada e suportado por seis pilares, cujos suportes estão algumas vezes no seu lugar. E crê que seria aberto.

Nos selvagens actuais, muitas cabanas têm também um recinto aderente, com alguns pontos de contacto com os antigos; a choça circular é interiormente tangente ao cerrado que a inclui; refiro-me em especial à habitação do Congolês, descrita na *Anthropologie* (1905, 639).

Aqueles recintos em que a projecção mostra que o seu muro periférico ou de vedação, embora curvo, era paralelo à casa, deviam compartilhar da cobertura ou telhado da habitação.

Também tem raízes no grande passado a existência de recintos dependentes das habitações, mas decerto êles revelam um estado social definido de agrupamentos ou núcleos de populações. O direito consuetudinário de propriedade, do senhor da habitação, dilatava-se para fora desta, mas a área da sua influência e do reconhecimento desta era limitada pela análoga expansão do vizinho.

Montelius (*La civilisation primitive en Italie*, pl. 305) menciona um vestibulo, na.....

A pág. 415 refere uma cabana com alpendre, provida de vestibulo, e uma construção *in antis*.

Um dos paralelos que me parece que me cumpre fazer, a propósito dos vestibulos das habitações castrejas, é o dos túmulos etruscos abertos na rocha, dada a analogia que sempre se encontra na etnografia de tôdas as civilizações entre a morada dos vivos e a mansão dos defuntos.

Ora um túmulo lavrado na rocha, em Norchia, do período etrusco, apresenta na sua frente um vestibulo

que não posso deixar de confrontar com o das habitações das nossas citâneas, sob o aspecto da planta e do alçado, à parte as diferenças architectónicas que no nosso caso são caracterizadas pela rudeza ingénua de populações pobres.

O túmulo representado por O. Montelius (*La civilisation primitive en Italie*, pág. ...) dá-nos talvez a explicação das preciosas pedras encontradas no castro de Cendufe (Arcos de Valdevez), e guardadas no Museu E. P. Os dois pilares ao lado da entrada seriam as pedras com labores nas 4 faces; nos ângulos seriam simples pilastras ornamentadas em uma face.

A planta da casa circular com o vestibulo defronte da porta tem ainda outra analogia, não na Itália, mas até na Grécia, e isso não se me afigura simples convergência de factos, mas algo mais do que isso: revela-se-nos uma concatenação através dos tempos e do espaço.

A casa micenense tinha também vestibulo, embora não fôsse circular; não ligo directamente o vestibulo citaniense a essa recuada Grécia, mas desejo apenas estabelecer o paralelo, para evidenciar que a presença desses recintos era uma velha herança da civilização oriental. Veja-se *Histoire de l'Art*, por Perrot & Chipiez, planta de uma casa de Tirinto.

A existência de vestibulos nas habitações etruscas é facto já consignado por Vitrúvio (VI, 8, 2).

Ant. Zannoni, nas *Arcaiche abitazioni di Bologna*, desenha a planta de uma casa itálica, quadrada, é certo, mas que é uma perfeita transplantação da casa grega. E deve notar-se que se trata de uma habitação de estrutura de madeira; a planta foi reconhecida pelos sinais dos orificios dos prumos-mestres. A construção principal media 3,84 X 4,69, e o vestibulo 1,37(1,42) X 3,84. Mas este exemplar vinha precedido de uma série de outros em que a habitação de planta redonda ou circular tinha também anexos rectangulares, indicados pelos buracos dos prumos.

Abundam também em Briteiros as casas quadrangulares de pedra; era quadrangular uma que conservava ao centro a pedra cúbica onde pousaria o poste central que suportava o telhado. ;Continuaria este a ser cónico ou calótico? (*Rev. de Guimarães*, XXII, 110).

No castro de Santa Olaia, as casas do povoado superior eram quadrangulares e de muito reduzidas dimensões; uma de 3,75 X 1,50; do povoado médio, outra de 3,25 X 2,50 (*Portugalia*, . . .).

Na *Rev. de Guimarães* (XX, . . .) menciona Martins Sarmiento uma casa quadrilonga, com 2 compartimentos rectangulares desiguais; isto traduzia já um progresso de construção e de condição social.

Outra casa, em que parece que haveria compartimentos, é aquela de que na *Rev. de Guimarães* (XXII, 111) se diz que, sendo oblonga, no seu eixo maior, havia uma fiada de pedras metidas de cutelo e pouco salientes. Também na Escandinávia, na época do bronze, havia casas oblongas com repartimentos (Montelius, *Les temps préhist. en Suède*, pág. 17).

Sem embargo, mesmo nestas, mantinha-se a característica nacional da ornamentação, e simultâneamente um dístico em caracteres romanos

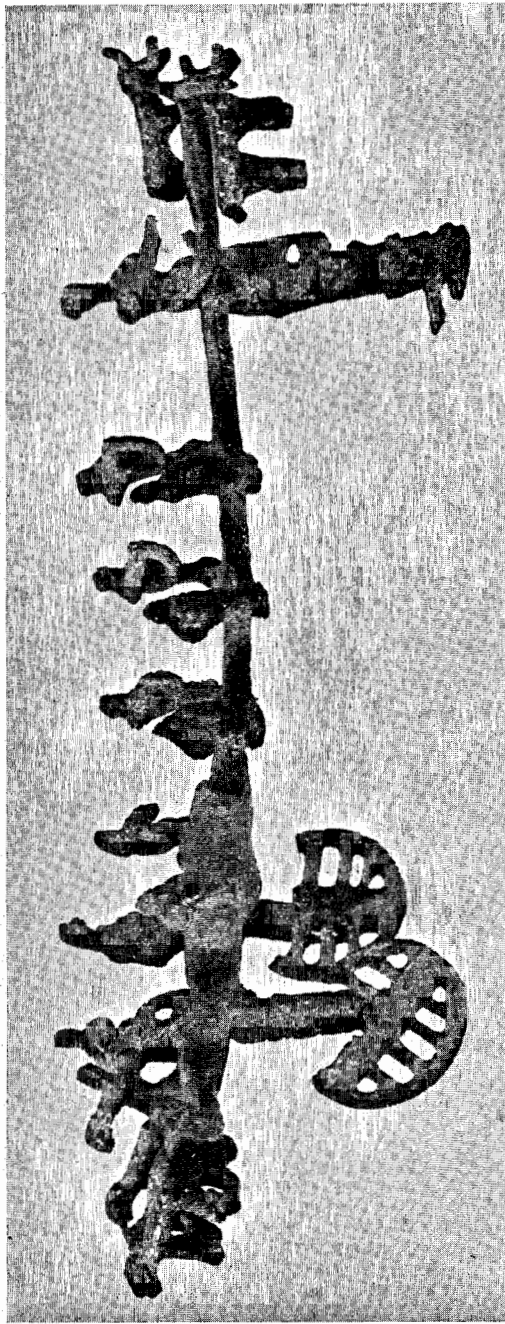
CAA

A outras casas quadradas (uma ladrilhada) se refere a *Rev. de Guimarães* (XXI, 100 e XXII, 11).

Em Mazzaboth, segundo O. Montelius (*La civil. en Italie*, 1.^a parte, pág. 501), as casas eram invariavelmente rectangulares.

Além das casas circulares e rectangulares, em Briteiros encontravam-se plantas de casas oblongas, também notadas por Cartailhac, e que tinham suas correspondentes itálicas. Montelius, na sua obra *La civilisation prim. en Italie*, aponta na pl. 254 e 275 urnas com a forma de cabanas oblongas da época do ferro, isto é, coevas de Sabroso (cfr. Martha, *L'art étrusque*). E talvez não seja com despropósito que recordo que o *lesche*, ou lugar de reunião de Delphus, era um edifício de planta oblonga (*Dict. d'Archéol.*, de Bosc, s. v. . . .).

(Continua).



Carro volivo de bronze, precioso exemplar arqueológico da 1.^a Idade do Ferro em Portugal (época céltica), que pertenceu à coleção do falecido Dr. Eduardo de Freitas (Lixa), e foi recentemente oferecido por seu filho, Dr. Luis de Freitas, ao Museu de Martins Sarmento.

(*Bibliografia*: Vidé — E. Freitas, *Estudo sobre dois bronzes arqueológicos*, Pórtó, 1923; J. Cabré, *La rueda en la Peninsula Iberica*, in «Actas y Memorias de la Sociedad Española de Anthropologia, Etnografia y Prehistoria», vol. III, 1924; F. Lopez Cuevillas, *Estudios sobre a Idade do Ferro no NW. da Península*, in «Anais da Faculdade de Ciências do Pórtó», tomo XXIII, Pórtó, 1938).